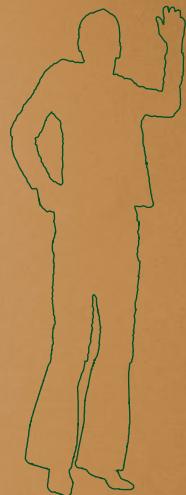


*“... a estrada
começa ...”*

Exposição inaugural
Casa da Liberdade - Mário Cesariny
Obras de Carlos Calvet, Cesariny,
Cruzeiro Seixas e Isabel Meyrelles



Cesariny



2 de Novembro a 21 de Dezembro



“Ama como a estrada começa”

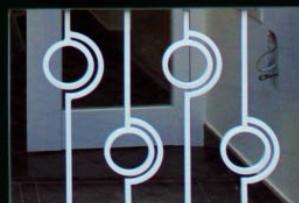
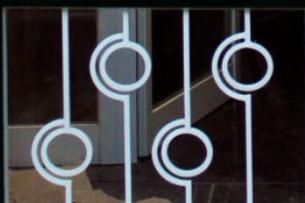
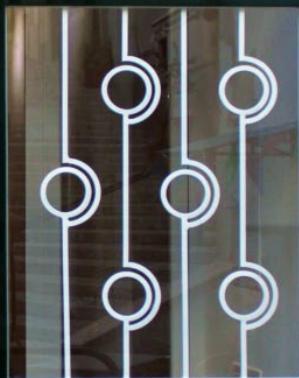
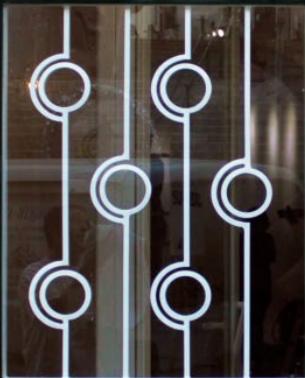
Mário Cesariny

13



Casa da LIBERDADE  Mário CESARINY

p e r v e galeria



Palavras-Actos

Pessoas-Actos. Novembro tem sido, há vários anos, ocasião de evocações que têm vindo a aumentar em número e importância. Foi neste mês que montámos a primeira exposição na Perve Galeria, no ano 2000 e é agora, 13 anos depois, que me preparam para inaugurar a tão sonhada Casa da Liberdade – Mário Cesariny. Mas, especialmente, é uma altura de relembrar gente-gente, pessoas de génio que partiram deixando um lastro tão intenso que perdurará para além de nós, para lá do tempo, pois que é Arte o que nos legaram – e que é a Arte senão o alcançar da intemporalidade dos gestos e da coisa criada, essa intangível metáfora do infinitamente presente, vedada ao comum mortal, que os Artistas superam? E estas evocações são especialmente importantes porque convocam a memória colectiva para o não apagamento do que é de relevo preservar para que se dê a correspondente inscrição na vida de hoje, de todos os dias que haja. Para memória futura mas também porque é nosso dever respeitar o que de mais intimamente ligado a nós existe. Assim é Mário Cesariny. Assim é António Maria Lisboa. Desaparecidos de corpo, presentes na alma que a Obra legada desvela, como num jogo de espelhos, num "navio de espelhos" que já "não navega, cavalga", "do princípio do mundo, até ao fim do mundo" (M. C.). Estes dois seres, que pretendo evocar neste seu mês de partida física, deixaram-nos, por força da sua capacidade criativa, algumas das mais preciosas sementes que detemos e que, ao longo dos anos, foram germinando em vários pontos deste mundo que habitamos e em autores de várias gerações continuam a germinar dando lugar a novas formas de expressão, novos sentidos para o que eles aqui inauguraram, estou certo. O problema já não é deles, nem da sua Obra. A questão não se pode colocar nestes termos, pois que independentemente do que fizermos, ela e eles continuarão existindo. Já nós, se os não evocarmos e se deixarmos sem nome as referências míticas que eles souberam criar, perderemos parte substancial da arma contra o desespero, das ferramentas de insubmissão, que eles nos souberam legar. Porque é disso que falo. "É às palavras-actos que me dirijo, não às palavras que supõem actos" (A. M. L.). É dessa matéria que se fez poema, reflexão, urgência, automatismo, pintura e despintura. Na Obra legada destes dois Artistas maiores, que o século XX trouxe, existe o mais fundo espírito libertário, libertador, que é capaz de tudo, de enfrentar tudo, para que se possa nascer de novo e viver com "a verticalidade e a chave" (A. M. L.).

Palavras-inaugurais. Neste dia 2 de Novembro, iremos assistir ao momento em que as portas da Casa da Liberdade – Mário Cesariny (CdL-MC) vão finalmente abrir-se para, esperamos, não mais se fecharem. Este espaço foi acalentado, desde 2004, por mim, pelo Nuno Espinho da Silva, meu amigo antes de ser meu sócio, e pelo Mário, a quem deixei de chamar Cesariny por forçoso imperativo de amizade. Não será um lugar gigantesco, nem tampouco loquaz. É à nossa escala e capacidade. Mas, “à parte isso”, queremos que haja ali espaço para “todos os sonhos do mundo”, parafraseando Fernando Pessoa (Álvaro de Campos). Dos vários dias que importa assinalar, neste mês, escolhemos este porque nos traz uma recordação feliz: há 7 anos inaugurávamos, na Perve Galeria, a exposição “Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco ... e o passeio do cadáver esquisito”, assim baptizada pelo Mário porque reunia os três artistas, fundadores de “Os Surrealistas” (1949), ao fim de 50 anos de afastamento, tendo por base a realização de 12 obras, feitas em processo colectivo, de Cadavre Exqui, que foram sendo por mim transportadas, entre as casas desses 3 artistas, ao logo de meses. O título da mostra acabaria por se revelar premonitório, na medida em que Mário Cesariny de Vasconcelos acabaria por falecer daí a poucas semanas, a 26 de Novembro. E a verdade é que pouco mais há de esquisito que ver um amigo e, mais ainda, um amigo genial passeando-se, já cadáver, pelas ruas, nesse dia de chuvas diluvianas, de “Lisboa-os-sustos” (M. C.) a caminho do cemitério que tem o nome mais profundamente delicioso para se morrer bem: dos Prazeres...

Carlos Cabral Nunes





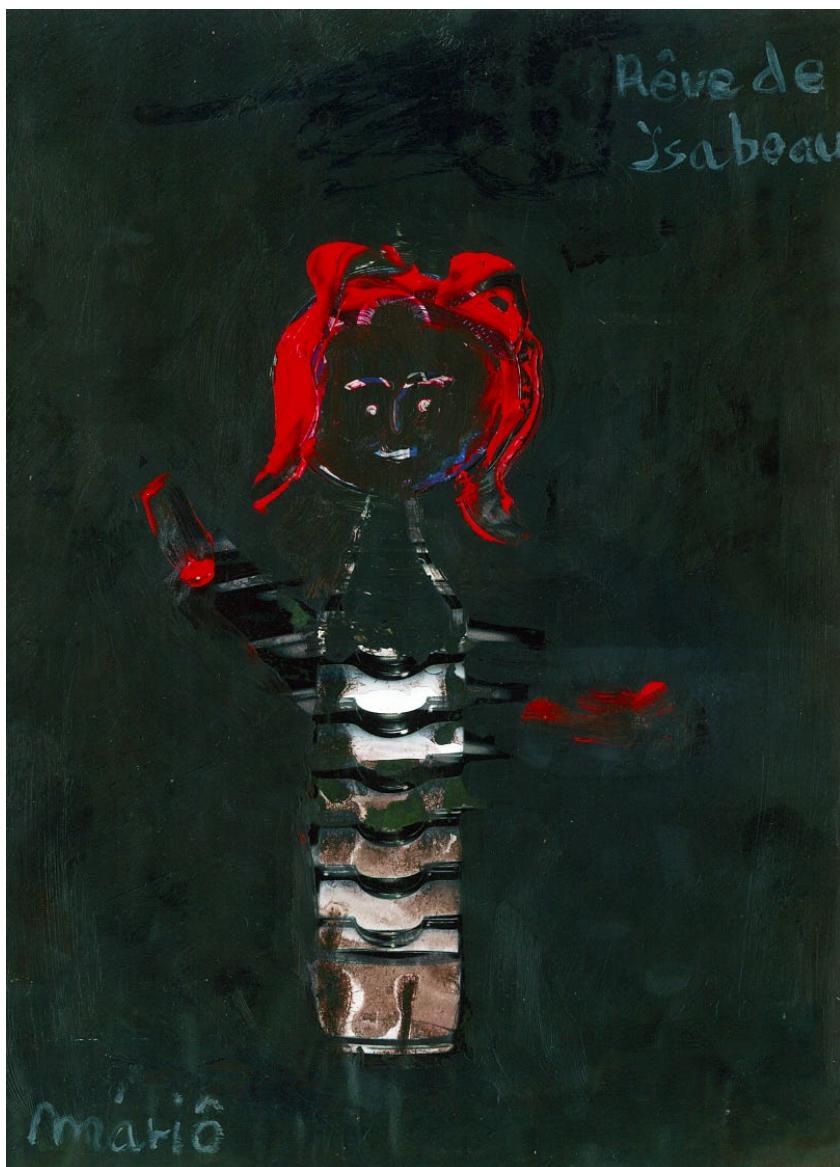
Mário Cesarin Sem título, (Obra que integrou a 1^a Exposição "Os Surrealistas" em 1949) Técnica mista s/ cartão
47x60 cm 1948 - CSY 141



Mário Cesariný Eu sou a terceira meia noite dos dias que começam | Homenagem a António Maria Lisboa Técnica mista s/cartão 46x31cm n.d. - CSY44



Mário Cesarin Sem título, Técnica mista s/ papel 19x24 cm 2000
CSY 142



Mário Cesarin Réve de Isabeau, Técnica mista s/ papel 29,5x22,5 cm n.d.
CSY 143



Mário Cesariny Sem título - Tinta-da-China, café e aguada s/ papel
14.5X12cm 1949 - CSY59



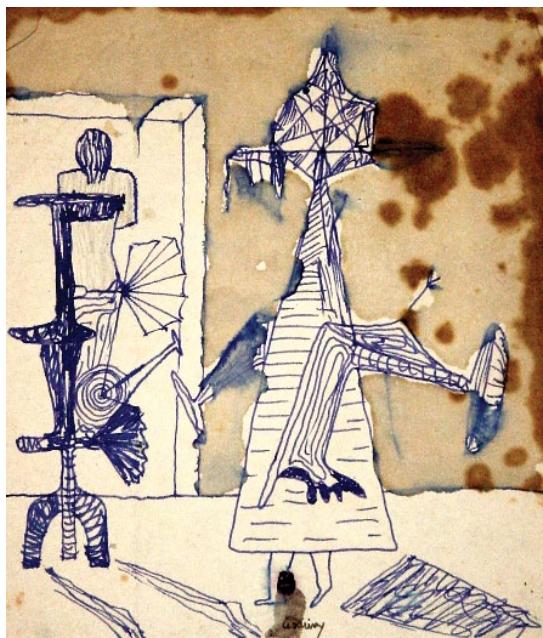
Mário Cesariny Sem título - Esferográfica, café e grafite s/ papel 14.5x16cm Circa 1950
CYS76



Mário Cesariny Everything To learn, Colagem e ovo sobre papel colado em madeira, 55 x 37cm, 1968
CSY64



Mário Cesarin
Fernando Pessoa ocultista
múltiplo em bronze
33x11x13 cm 1957/81
CSY9



Mário Cesarin Sem título - Tinta de escrever e café s/ papel em plateax 16x14.5 cm circa 1950 - CSY60



Mário Cesarin Maldoror - Tinta-da-china sobre papel colado em plateax 29x24cm 1947 - CSY78

A Casa.

"Quem sou eu?"

A pergunta é enunciada por André Breton na sua obra *Nadja* (1928). Nela o autor apresenta os pilares do movimento surrealista, enquanto o narrador homónimo vai sublinhando a importância do olhar interior no processo de deslocação dos modelos em pintura. O texto tece-se em defesa de uma arte transformadora e libertadora da sensibilidade contemporânea.

A indagação dos processos artísticos, da liberdade expressiva e da própria territorialidade do mundo miscigenado delinearam a estrada que conduziu à ideia da Casa e à sua criação. A Perve tem vindo a desenvolver um percurso único em torno da reflexão sobre a importância da vocação surrealista, o seu legado e actualidade em contexto nacional. Localizada no centro histórico de Lisboa, os espaços expositivos da galeria vêm sendo lugares onde as diferentes artes e tradições interagem e se compõem. Da música à performance, dos novos aos velhos meios, entre Portugal, África e o Mundo, as exposições sucedem-se como formas de participação. São capítulos de um labor comum no qual a fruição da arte, a vivência da cidade e a reconfiguração de universos se conjugam.

Pessoalmente, acredito que esta Casa nos pertence a todos como lugar de causas comuns. Tal como nas palavras e nos traços inscritivos de Mário Cesariny, este é um território onde continuarão a abrir-se novas perspectivas. Quadros como janelas sobre a natureza essencial das coisas.

Existem obras e lugares onde os ecos e as imagens não se diluem, mas antes se repercutem para integrar o gigantesco banco de dados de que fala Guy Scarpetta. Também cada obra de Cesariny – tal como cada recanto da sua Casa – possui uma voz que se escuta para além da fronteira dos géneros artísticos. São pura expressão do prazer nascido do jogo das formas, dos códigos e estilos. São espaços de actualidade porque a sua ontologia reside na reinvenção de objectos, dos sentidos e modos de leitura que distinguem Cesariny como criador libertado.

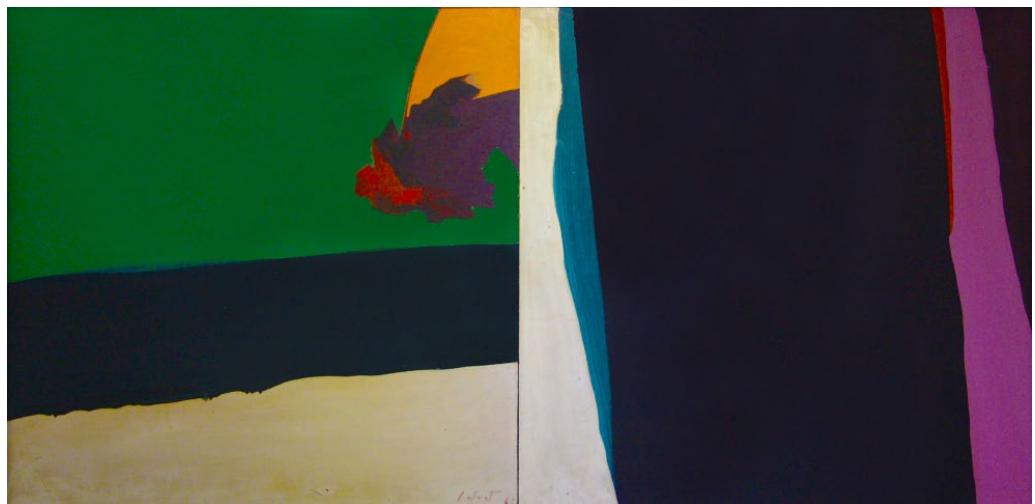
Aqui estamos em Casa. O projecto foi rasgando fronteiras e limites ao longo de uma década, tornou-se cosmopolítica porque as portas de Cesariny sempre estiveram abertas ao debate e à cidade. Esta porta de Cesariny marca agora não a fronteira, mas a linha de novas trocas e partilhas. É deslocação, colagem e simulacro.

"Quem sou eu?"

Tal como o movimento artístico que lhe subjaz, a questão enunciada por Breton é tão actual quanto eterna. O surrealismo captura – e “futurizo” segundo Julian Marias – o impulso projectivo da própria vida. Só a liberdade rasga limites e agita. E André, o narrador de uma muito jovem *Nadja*, dizia: “A beleza será convulsiva, ou não será”. Tal como esta Casa da Liberdade. Será livre, ou não será Mário Cesariny.

Mafalda Serrano
Lisboa, 30 de Outubro de 2013





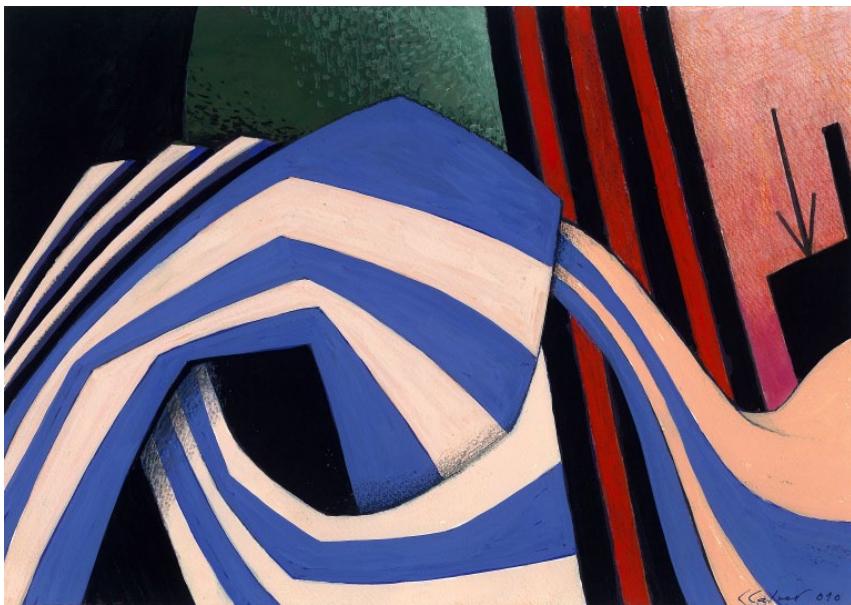
Carlos Calvet Drama Essencial, Óleo sobre madeira 73x148 cm 1966
CC34



Carlos Calvet Sem título, Guache s/ papel 29,5x21 cm 2010
CC03



Carlos Calvet Sem título, Guache sobre cartolina 28x39 cm 1985
CC36



Carlos Calvet Sem título, Guache s/ papel 22,9x32,5 cm 2010
CC04



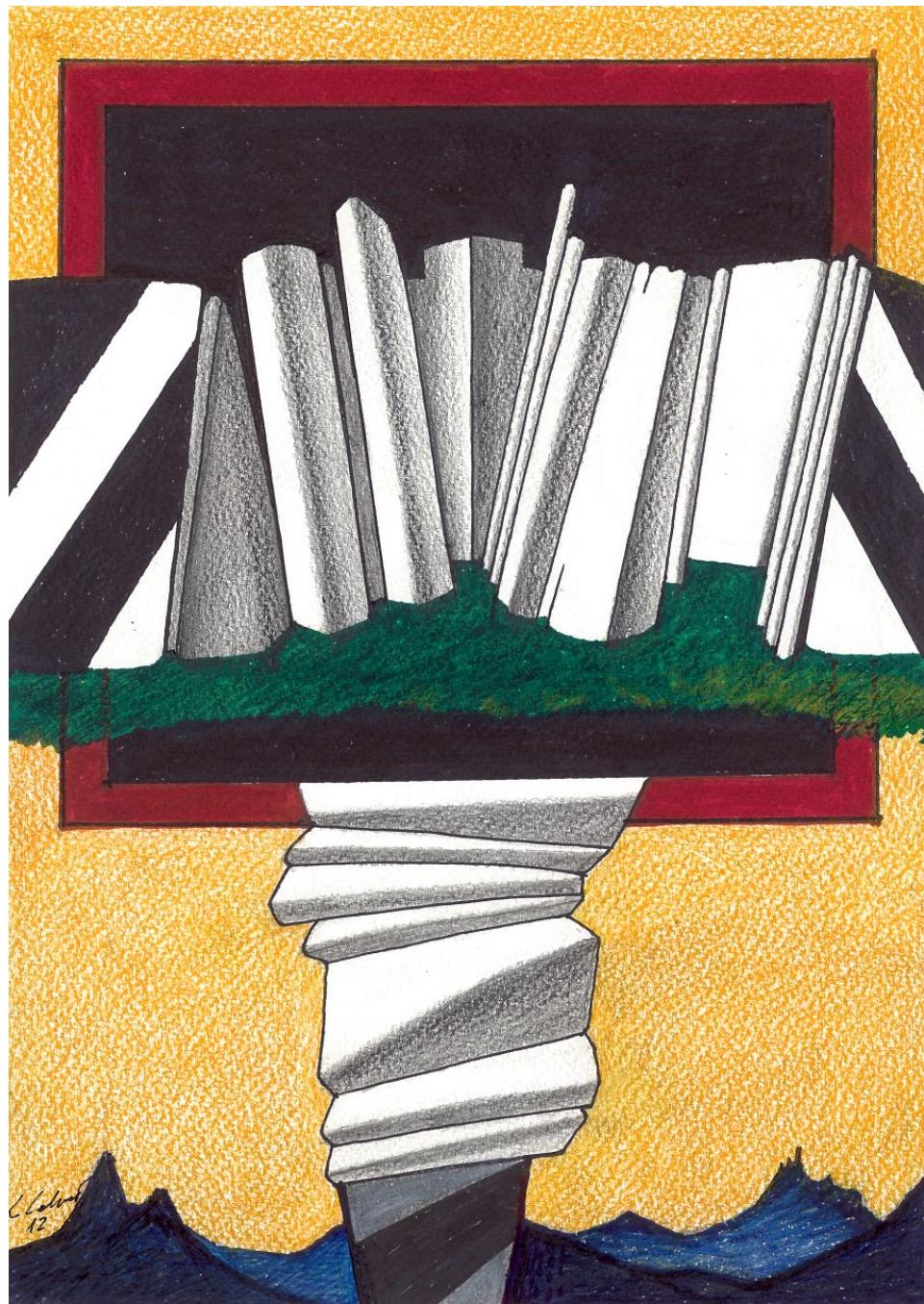
Carlos Calvet Sem título, Guache, lápis de cera e marcador s/ papel 29,5x20,9 cm 2010
CC11

É o som das palavras.
A liberdade dos seus silêncios.
A libertação dos gestos.
A musicalidade que nos fica, na memória de um artista, "ao longo da muralha que habitamos", surdos às inexistentes cordas dos violinos, tentando ainda a vida.
Acreditando ainda teimosamente nas palavras. Crendo e querendo um espaço de liberdade, no silêncio destas paredes que agora se erguem. Na memória das palavras que não se disseram. Nos silêncios que ainda queremos ouvir.
A Mário Cesariny

Carlos "Zingaro"
Lisboa, Novembro 2013



Carlos Calvet Sem título, Guache, lápis de cera e marcador s/ papel 32x22,9 cm 2012
CC25



Carlos Calvet Sem título, Guache, lápis de cera e marcador s/ papel 32x22,9 cm 2012
CC25



Carlos Calvet Sem título - Díptico, Óleo sobre madeira 22,9x32,5 cm 1965/66
CC35

CASA DA LIBERDADE MÁRIO CESARINY

Pré-inaugurada em 18 de junho último, a Casa da Liberdade-Mário Cesariny (CdL-MC) abre portas oficialmente em 2 de novembro, na Rua das Escolas Gerais nºs 13 e 15, em Alfama.

É a 2 de novembro, a inauguração formal, porque, neste mesmo dia, em 2006, três artistas maiores do Surrealismo português puseram fim a um afastamento de 55 anos, voltaram a juntar-se e, vitalidade sem pausa, mostraram obra. Deu-se à exposição o nome dos três e acrescentou-se-lhe o de um item simbólico da arte surrealista: «Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco – e o passeio do cadáver esquisito».

Aquela foi a última exposição de Cesariny, que viria a falecer vinte e e quatro dias depois.

Sete anos volvidos, a CdL-MC é a concretização de um projecto idealizado por Carlos Cabral Nunes, director da Perve Galeria desde a sua fundação no ano 2000, e que começou a tomar forma em 2005, por iniciativa do Colectivo Multimédia Perve, em parceria com a Perve Global. Objectivo: homenagear o poeta e pintor surrealista que lhe dá nome e que ao projecto se associou desde o primeiro momento.

Este é um espaço artístico polivalente com características museológicas, distribuído por um piso térreo, em seu tempo integrado numa habitação pré-pombalina (cerca de 120m²), e uma edificação suspensa com dois pisos (cerca de 350 m²) e uma área de lazer no topo.

No intervalo entre os dois edifícios, um espaço exterior funcionará como palco para performances e espetáculos de caráter intimista, como galeria «a céu aberto» para exposição de esculturas e como esplanada e arte-café.

Uma ressalva: não se entenda que as acima referidas «características museológicas» reduzem a CdL-MC a uma estética condição de casa histórica ou casa-museu. O voo é diferente e mais largo, porque, à memória do património que aqui se guarda, se alia a contemporaneidade nas suas múltiplas expressões e vias.

A Casa divulgará o espólio artístico e documental legado por Mário Cesariny, mas igualmente outros espólios, de autores como Cruzeiro Seixas, Luiz Pacheco e E.M. de Melo e Castro.

O espaço integra ainda uma biblioteca com obras sobre arte moderna e contemporânea, designadamente livros, catálogos, teses, periódicos, documentação referente a obras de arte integradas, livros de artista originais, arquivo fotográfico, arquivo vídeo e multimédia, com uma secção dedicada às artes emergentes, nomeadamente à performance, à arte eletrônica e instalações multimédia.

Aqui poderá igualmente ser consultado um arquivo de artistas com material decorrente da atividade desenvolvida pela Perve Galeria e Colectivo Multimédia Perve e pelos seus fundadores.

Apostada em contribuir para a revitalização do centro histórico de Lisboa, a CdL-MC pretende, do mesmo passo, constituir-se como pólo de atração de âmbito artístico e cultural aberto à cidade e ao mundo.

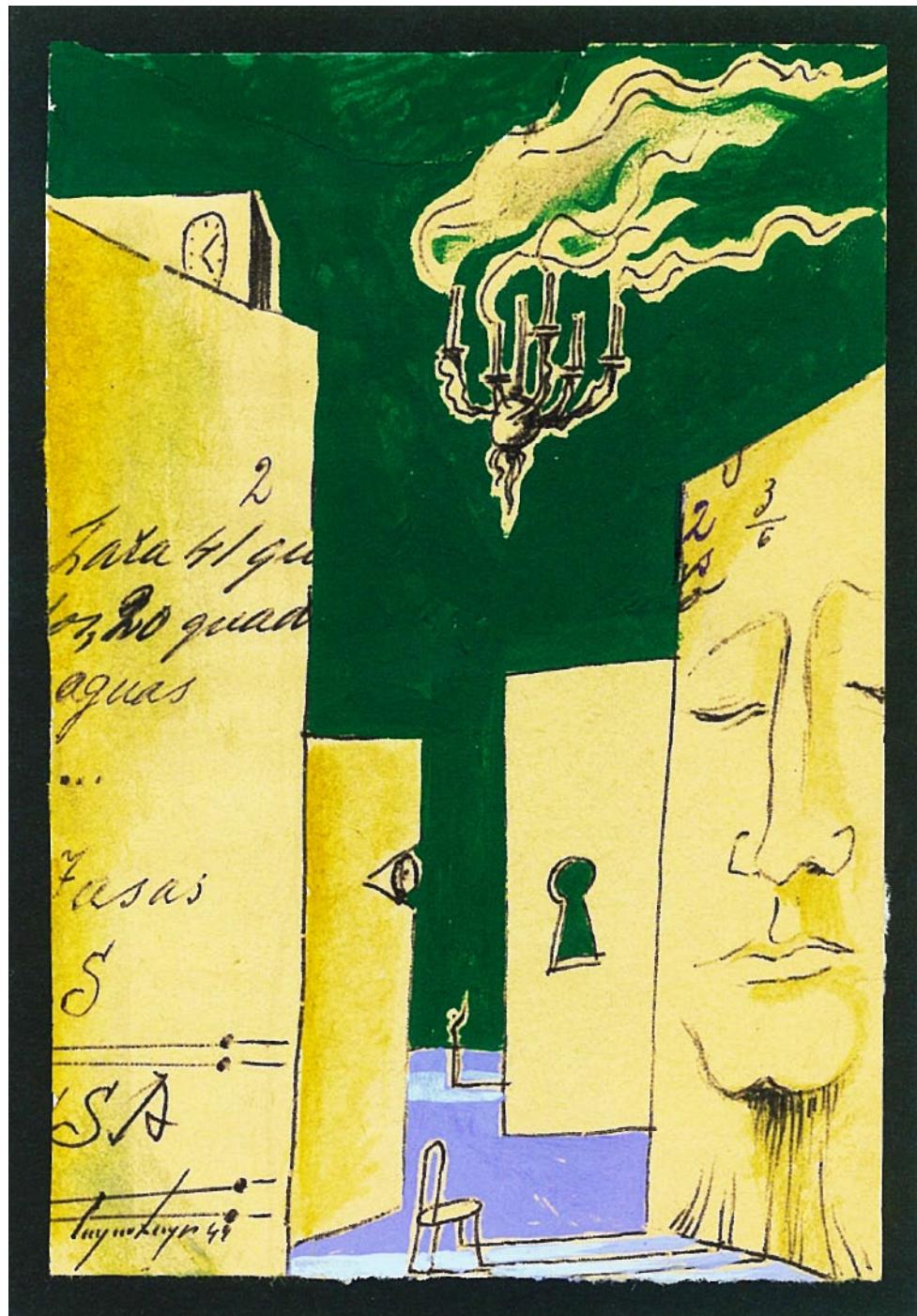
Em paralelo com estas, uma outra dimensão: a de espaço de intervenção ao dispor dos autores contemporâneos identificados com o ideário de liberdade de Mário Cesariny. Assim sendo, não apenas obras «ortodoxas» do Surrealismo, mas também outras, de diferenciadas matrizes e linguagens, aqui serão mostradas.

Em suma, espaço de celebração da Liberdade é o que, primeira e essencialmente, a CdL-MC quer ser. Para tanto nasceu.

Raúl S. T. Aires



Cruzeiro Seixas Sem título, Tempera s/ papel 20x27 cm n.d.
CS168



Cruzeiro Seixas **Sem título**, Tempera s/ papel 17x10,5 cm n.d
CS169



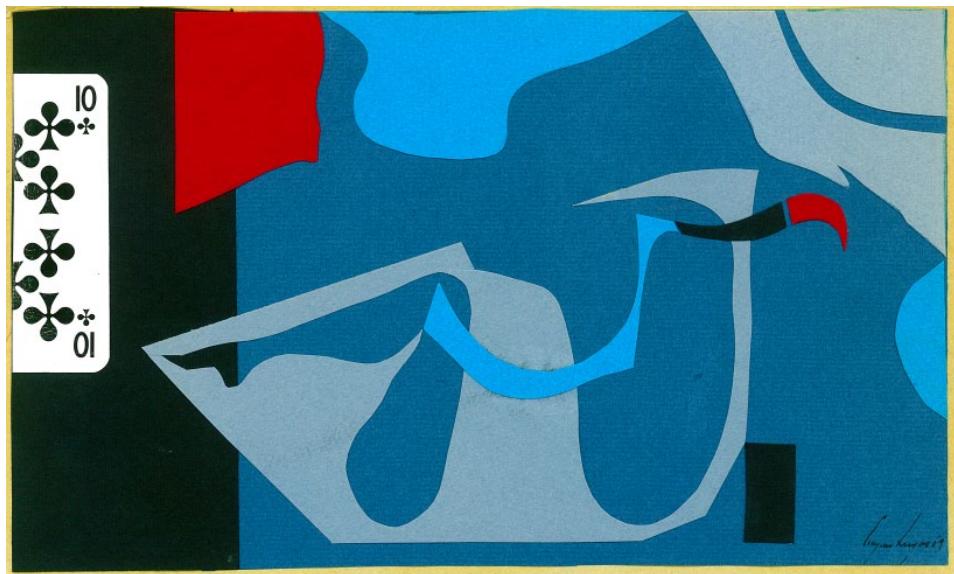
Cruzeiro Seixas Sem título, Tempera s/ papel 13,5x21 cm n.d.
CS171



Cruzeiro Seixas A noite sem fim, Têmpera e tinta da china s/ papel 43x30,5 cm 1977
CS 144



Cruzeiro Seixas Sem título, Tempera s/ papel 22x21 cm n.d.
CS170



Cruzeiro Seixas Sem título, Tempera s/ papel 22x21 cm n.d.
CS167



Cruzeiro Seixas Duas ilhas, Têmpera e tinta da china s/ papel 31,5x43,5 cm 1978
CS 150



Cruzeiro Seixas Sem título, Óleo sobre cartão (oval) 32,5 x 23,5 cm 1962
CS166



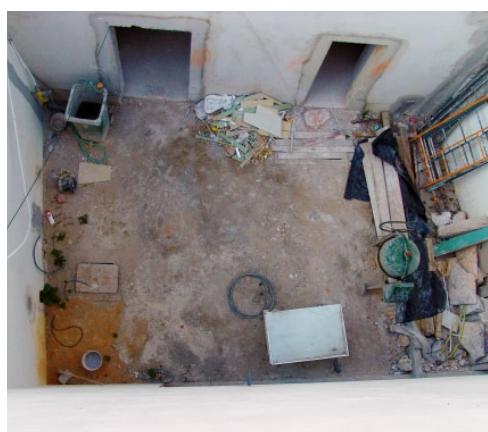
Dezembro 2011



Dezembro 2012



Abril 2012



Julho 2012



Julho 2012



Fevereiro 2013

Casa DA LIBERDADE

Mário CESARINY

Trabalhos de construção
do novo edifício e
finalização interior
e acabamentos finais



Fevereiro 2013



Maio 2013



Julho 2013



Julho 2013



Outubro 2013



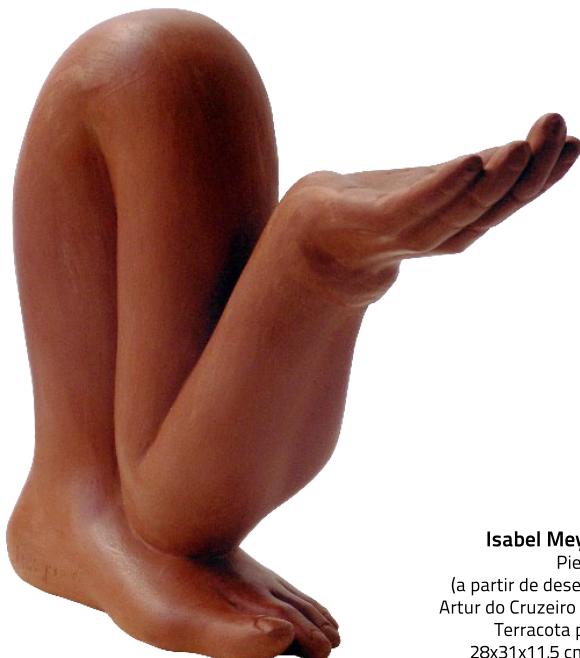
Isabel Meyrelles
O senhor do Papillon,
Terracota pintada
29x20x17 cm 2009
IM29

Isabel Meyrelles
Marco Quilométrico
Terracota pintada
19x19x18 cm 2012
IM28



Isabel Meyrelles
Eccus
(a partir de desenho do
Artur do Cruzeiro Seixas)
Terracota pintada
25x16x11 cm 2013
IM36

Isabel Meyrelles
Ponte para Masoquistas
Terracota pintada
19x25x11 cm 2012
IM38



Isabel Meyrelles
Pied Main
(a partir de desenho do
Artur do Cruzeiro Seixas)
Terracota pintada
28x31x11,5 cm 2012
IM37

Isabel Meyrelles
O Tigre místico
Terracota pintada
25x17x15 cm 2006
IM33



Isabel Meyrelles
A Licorne
Escultura em bronze
120x103,4x39,3 cm 2010
IM26



Isabel Meyrelles

O Vigia

Escultura em bronze

109,5x87,5x44 cm 2010

IM27



A ESTRADA COMEÇA...

"Ama como a estrada começa", escreveu Mário Cesariny. E é uma estrada, em forma de casa, aberta às artes e ao mundo, aquela que, a partir de 2 de novembro, por amor ao Poeta e ao Pintor, vai começar.

No princípio da estrada, que é dizer: na exposição que a inaugura, na Casa da Liberdade-Mário Cesariny, estarão obras de quatro nomes grandes do Surrealismo português: ainda e sempre Cesariny, Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles, Carlos Calvet.

Aliciante adicional, as obras são inéditas. Mais: a mostra será complementada com a exibição de documentação, igualmente inédita, proveniente dos vários espólios à guarda da Casa.

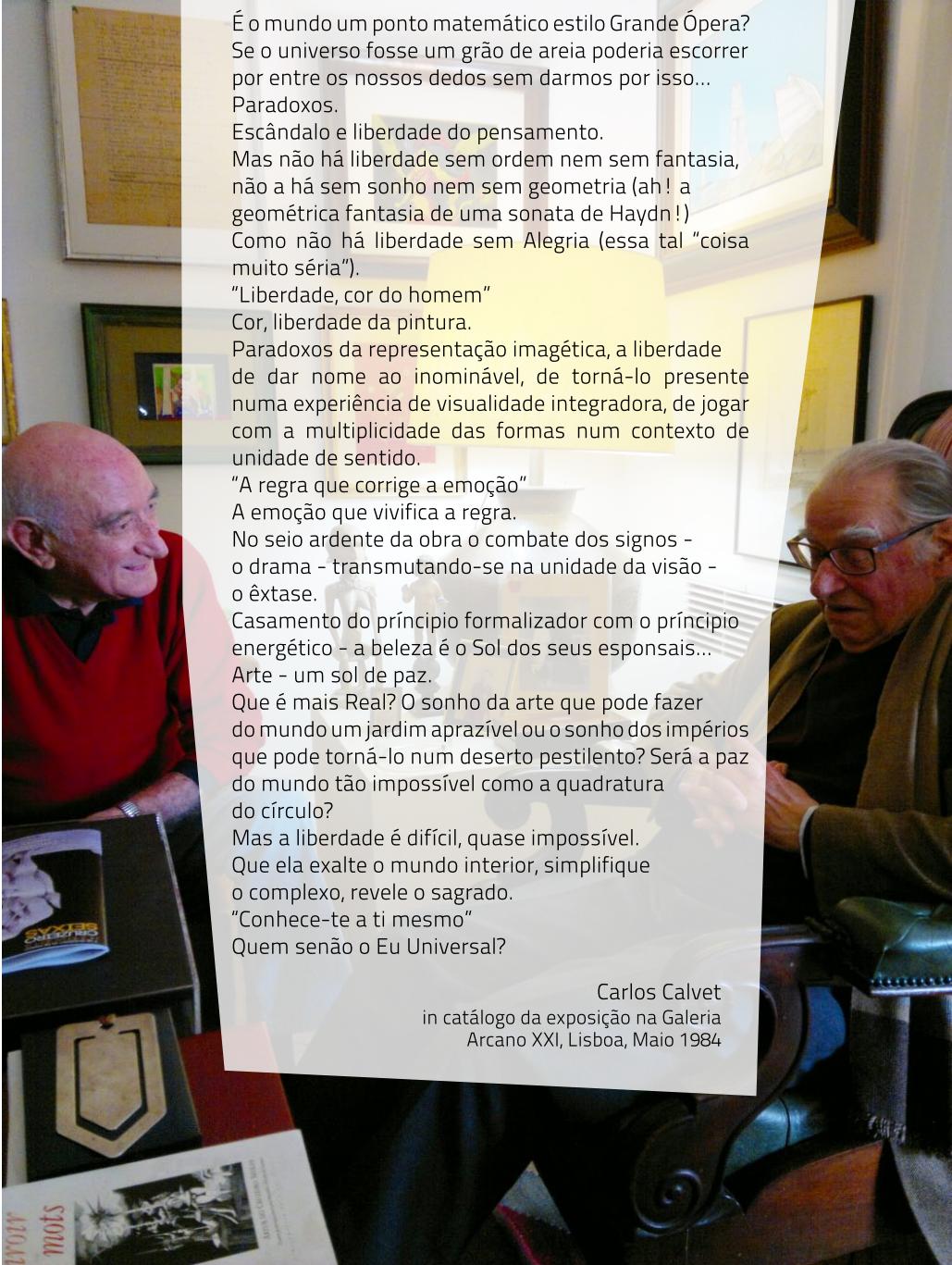
Uma nota, ainda, para a introdução que, durante a exposição, será feita ao Espólio de Luiz Pacheco recentemente integrado.

A exposição estará patente ao público entre 2 de Novembro e 21 de Dezembro.

Raúl S. T. Aires



Mário Cesariny (sob o poema-objecto "Lancelot du Lac"). Fotografia de Cabral Nunes, 2004



É o mundo um ponto matemático estilo Grande Ópera?
Se o universo fosse um grão de areia poderia escorrer
por entre os nossos dedos sem darmos por isso...
Paradoxos.

Escândalo e liberdade do pensamento.

Mas não há liberdade sem ordem nem sem fantasia,
não a há sem sonho nem sem geometria (ah! a
geométrica fantasia de uma sonata de Haydn!)
Como não há liberdade sem Alegria (essa tal "coisa
muito séria").

"Liberdade, cor do homem"

Cor, liberdade da pintura.

Paradoxos da representação imagética, a liberdade
de dar nome ao inominável, de torná-lo presente
numa experiência de visualidade integradora, de jogar
com a multiplicidade das formas num contexto de
unidade de sentido.

"A regra que corrige a emoção"

A emoção que vivifica a regra.

No seio ardente da obra o combate dos signos -
o drama - transmutando-se na unidade da visão -
o êxtase.

Casamento do princípio formalizador com o princípio
energético - a beleza é o Sol dos seus esponsais...
Arte - um sol de paz.

Que é mais Real? O sonho da arte que pode fazer
do mundo um jardim aprazível ou o sonho dos impérios
que pode torná-lo num deserto pestilento? Será a paz
do mundo tão impossível como a quadratura
do círculo?

Mas a liberdade é difícil, quase impossível.

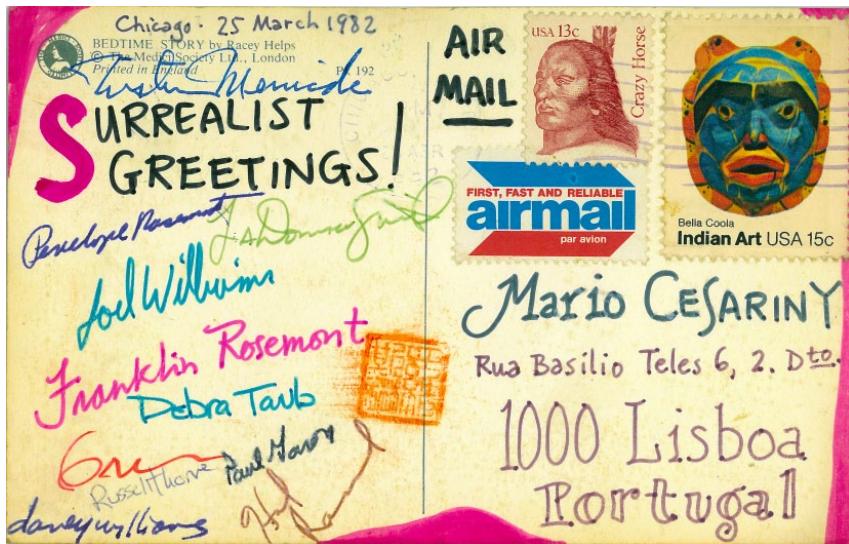
Que ela exalte o mundo interior, simplifique
o complexo, revele o sagrado.

"Conhece-te a ti mesmo"

Quem senão o Eu Universal?

Carlos Calvet
in catálogo da exposição na Galeria
Arcano XXI, Lisboa, Maio 1984

Cruzeiro Seixas e Carlos Calvet. Fotografia por Cabral Nunes, 2012



Mário Cesariny, correspondência trocada, 1982



Mário Cesariny, correspondência trocada, 1982



Casa da Liberdade - Mário Cesariny, zona de exposição



Casa da Liberdade - Mário Cesariny, piso 1

Carlos Calvet (1928)

Licenciado em Arquitectura, dedicou-se à pintura desde muito cedo salvaguardando um sentido de arte como modo pessoal de meditação. Além da pintura fotografia e da arquitectura, interessou-se também pelo cinema, tendo realizado algumas curtas metragens, uma das quais com a participação de Mário Cesariny e de João Rodrigues.

Expôs pela primeira vez em 1947, na 2.ª Exposição Geral de Artes Plásticas na Sociedade Nacional de Belas Artes, obras que começavam a revelar um sentido de modernidade, marcado pelo cubismo estético de Braque e valorizando o estatismo dos objectos representados: copos, garrafas e, sobretudo, barcos. Em 1948 começam a surgir alegorias do tempo, através da representação de relógios. Entre 1948/50 viaja até Paris e a partir de então, consciente da sua vocação como pintor, Calvet passa a estar mais atento à construção, ao jogo de volumes e à ambiguidade entre o simbolismo e a imagem natural. Depois de um período abstracto lírico (1963- 64), confronta as formas espontâneas com as geométricas (1964-1965). Com a redefinição do espaço, voltou-lhe a necessidade de figuração de objectos inventados no próprio acto de execução. Primeiro, manchas informes que adquiriam presença insólita de objectos indentificáveis; depois, passaram a ser objectos banais, parafusos, botões, caixas de fósforos, ladeados de decorativismos de gosto pop. O ano de 1966 marca o início da síntese "pop metafísica" que caracteriza toda a sua obra posterior. Tanto na pintura como na fotografia o seu processo é, sempre experimental: do surrealismo ao abstracionismo simbólico, deste ao conceptualismo da Pop-Art e sempre aquela curiosidade pelo oculto que foi uma das veredas do surrealismo português, num processo que desenvolve até hoje: a alteração cénica da atmosfera da composição.

Cruzeiro Seixas (1920)

Cofundador com Cesariny e demais companheiros de "Os Surrealistas" (1948), rumou a Angola em 1952, tendo aí fixado residência por mais de uma década. Em Luanda organizou as mais importantes exposições daquela época, quer com trabalhos seus, quer com obras de vários artistas da Lusofonia, entre os quais Malangatana, o que lhe valeu um interrogatório na polícia política do regime.

De regresso a Portugal, participou em inúmeras exposições e tornou-se consultor artístico da Galeria S. Mamede e de outras instituições de relevo.

Em 1999, doou a totalidade da sua coleção à Fundação Cupertino de Miranda, com vista à constituição de um Centro de Estudos e Museu do Surrealismo e, mesmo depois de ter ultrapassado a barreira dos noventa anos de idade, Cruzeiro Seixas continua a expor.

Artista Versátil, explorou, ao longo de décadas, as infinitas poéticas do surrealismo. Animou a renovação da arte portuguesa, propiciando exposições de artistas novos e a divulgação de artistas e movimentos internacionais nas galerias onde colaborou.

Tem exposto com regularidade na Perve Galeria desde a sua fundação no ano 2000. Em 2006, participou na exposição que aí marcou o reencontro de 3 fundadores de "Os Surrealistas", após 50 anos de afastamento: "Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco e o passeio do Cadáver Esquisito", assim se intitulava essa mostra memorável. Em 2009, com a mesma galeria, participou no ciclo "Os Surrealistas - 60 anos após a 1.ª exposição". Nesse ano a Presidência da República atribuiu-lhe o Grau de Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada e em 2012, a Perve Galeria prestava-lhe homenagem com a realização de uma grande exposição antológica.

Isabel Meyrelles (1929)

Escultora e poeta portuguesa. O seu interesse pela escultura começou cedo. Estudou no Porto e em Lisboa, onde pôde conhecer vários artistas nas tertúlias dos cafés. Tornou-se íntima de personalidades como Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e Natália Correia, assistindo ao surgimento do Grupo Surrealista de Lisboa e a Os Surrealistas, ficando desde então ligada à corrente artística lançada em Portugal por esses grupos.

Nos anos 50 fixa-se em Paris "para poder viver em liberdade". Prossegue nos estudos de Escultura, na Ecole National Supérieure des Beaux-Arts e de Literatura na Universidade da Sorbonne.

Em 1971 funda o Botequim com Natália Correia, onde nas décadas de 1970-80 se reuniu grande parte da intelectualidade portuguesa.

Realizou inúmeras exposições em Portugal e França. Traduziu a poesia de variadíssimos autores portugueses e a sua obra literária foi publicada em português e francês. Recebeu vários prémios e foi distinguida com o grau de Comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada.

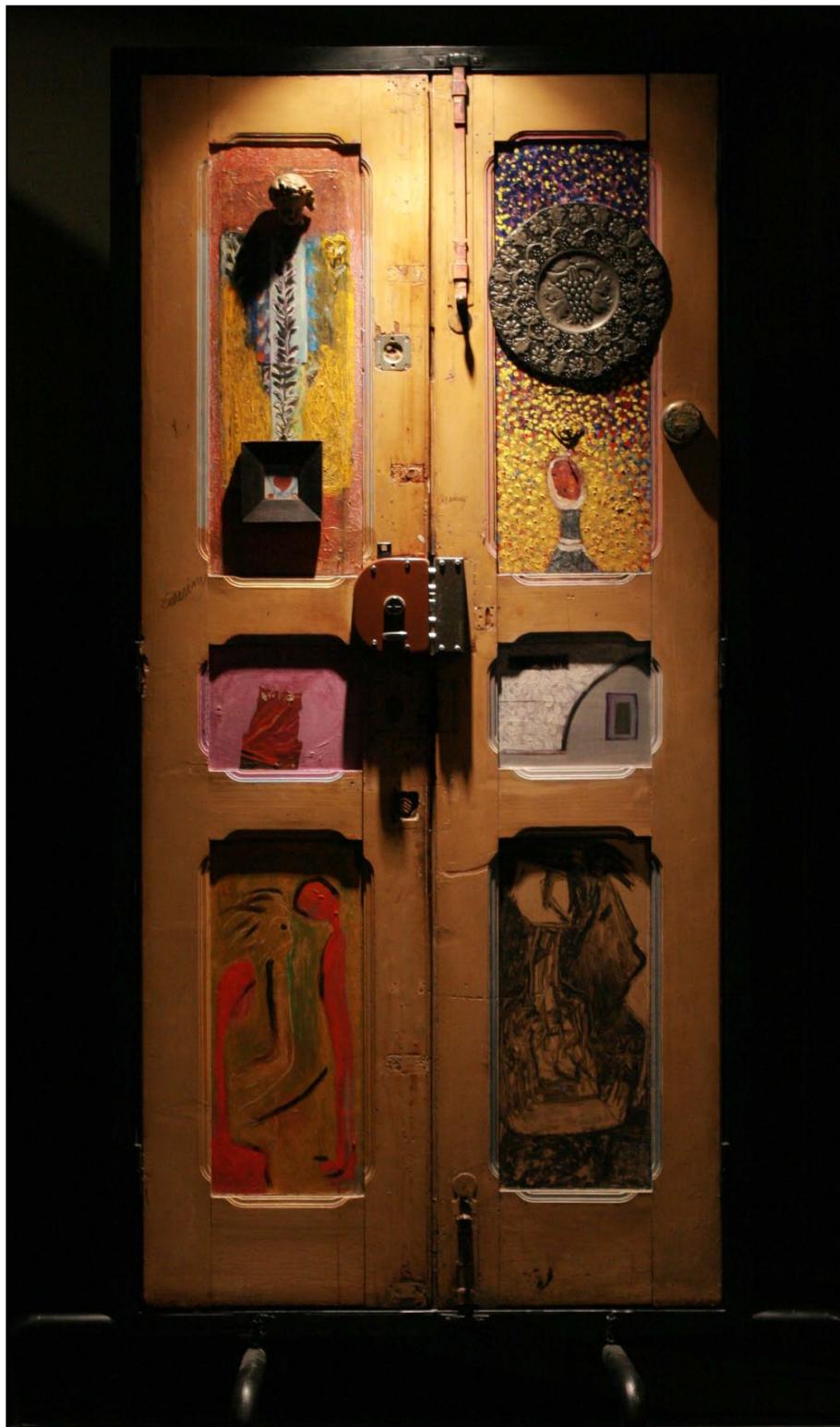


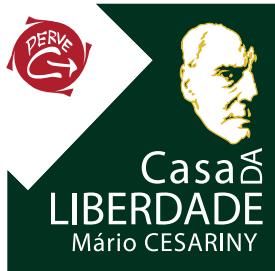
Imagens recolhidas ao longo do último ano e meio de construção da Casa da Liberdade - Mário Cesariny e na pré-inauguração, realizada a 18 de Junho de 2013. Artistas que aparecem nas fotografias: João Garcia Miguel, Fernando Grade, Carlos Zingaro, José Anjos, Choichi Nishikawa e Manuel João Vieira. Fotografias por Cabral Nunes.

A LIBERDADE DE MÁRIO CESARINY

A liberdade de Mário Cesariny é a liberdade daquele que cria.
 A liberdade de Mário Cesariny é a liberdade do criador.
 A liberdade de Mário Cesariny é a de quem sem hesitações deu a vida.
 A liberdade de Mário Cesariny é a liberdade de quem se liberta.
 A liberdade de Mário Cesariny não precisa de libertador.

António Cândido Franco
 31 de Outubro de 2013





Ficha Técnica

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

design, fotografia e audiovisual

Carlos Cabral Nunes e Carlos Santos

produção executiva e direcção financeira

Nuno Espinho

produção, comunicação e web

Graça Rodrigues

desenvolvimento e execução gráfica

Carlos Santos

textos

Carlos Cabral Nunes
e autores identificados

direcção artística e produção

Colectivo Multimédia Perve

Impressão

Perve Global - Lda.

ISBN: 978-989-98728-0-6

AGRADECIMENTOS

Isabel Meyrelles e Emlsabel Meyrelles e
Emilienne Paoli, Cruzeiro Seixas e Carlos Silva,
Adriana e Carlos Calvet, Ana da Silva, Raúl
Malaquias Marques, Carlos Zingaro, João Garcia
Miguel, Mafalda Serrano, António Cândido
Franco, Gracinda de Sousa, Aurora Nunes, João
António e Dolores Cabral, aos clientes da Perve
Galeria, cuja acção tem sido determinante para
o desenvolvimento deste projecto artístico e
aos artistas que, ao longo dos anos, têm sido
intervenientes directos nesta aventura. Profundo
reconhecimento a Mário Cesarin de Vasconcelos.



Casa da Liberdade - Mário Cesarin

Rua das Escolas Gerais n°13 1100-218 Lisboa

tel 218822607/8 tm 912521450

casadaliberdade@pervegaleria.eu

Perve Galeria - Rua das Escolas Gerais n°17, 19

Horário: segunda-feira a sábado das 14h às 20 h
galeria@pervegaleria.e u | www.pervegaleria.eu

Parqueamento automóvel Portas do Sol

Transportes Metro Sta. Apolónia [Linha Azul] Eléctrico n° 28

Estacionamento facilitado no Largo da Igreja de S. Vicente de Fora e na zona da Feira da Ladra [excepto 3^ª f^a e Sábado].

Apoio - catering



Parcerias



Perve
Galeria

Alfama

CT-32 | Novembro de 2013

Edição ©® Perve Global - Lda.

Proibida a reprodução integral ou

parcial deste catálogo,

sem autorização expressa do editor.